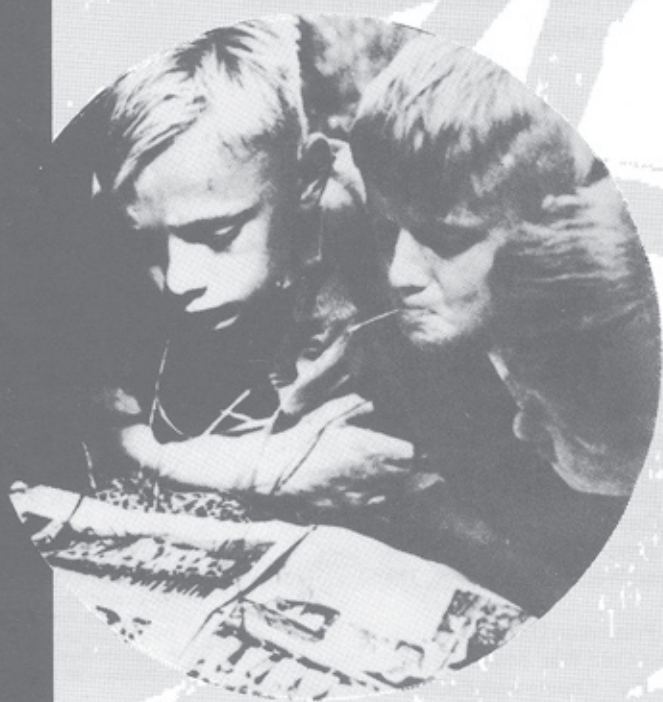


MARIA HELENA ROLIM CAPELATO

# O NAZISMO E A PRODUÇÃO DA GUERRA





# Guerra

O panorama mundial dos últimos anos tem apresentado mudanças significativas, ainda difíceis de serem compreendidas em toda a sua dimensão.

A globalização das regulamentações de produção, as políticas de cunho neoliberal, o ressurgimento dos conflitos locais (de natureza étnico-religiosa) e dos movimentos extremistas, xenófobos, nos distanciam muito do período do pós-guerra. Nessa época a Europa, liberta dos nacionalismos belicistas, fascistas, conseguiu certo êxito na regulamentação da economia, com a estruturação dos Estados

Sociais, que implementaram políticas sociais de relativo sucesso em vários países.

Alguns acontecimentos dos anos 80, como a destruição do muro de Berlim e a reunificação da Alemanha, a desintegração da URSS e o fim da política de blocos de poder, foram saudados como vitórias da liberdade. Mas uma outra face da história logo mostrou que os problemas artificialmente resolvidos, desde o final da guerra, reapareceram, trazendo lembranças de um passado que se buscou esquecer. A guerra nos Bálcãs despertou o fantasma do nacionalismo

**MARIA HELENA ROLIM CAPELATO**  
é professora do Departamento de História da FFLCH-USP

ACIMA, EMBLEMA NAZISTA DE HEINZ WALTZ. FORJADO EM FERRO; AO LADO, MANIFESTAÇÃO NAZISTA, CUJO IDEAL ERA SEMPRE O INDIVÍDUO SE PERDER NO QUE ELES CHAMAVAM DE "MAR DA MULTIDÃO"; NA PAGINA AO LADO, FLAGRANTE DA JUVENTUDE ARIANA - A IDEIA DE RAÇA PURA INSPIRADA DESDE TENRA IDADE

belicista e ameaça à paz e ao equilíbrio europeu. Os crimes aí cometidos contra a humanidade, as cenas de horror estampadas pela mídia, provocaram, na Europa, um grande medo seguido de indagações sobre um possível recomeçar dos nacionalismos, fascismos, extermínios, guerra geral.

O surgimento de movimentos radicais extremistas, neonazistas, provocaram o receio de retorno do nazismo. As comemorações do cinquentenário do armistício de 1945 deram ensejo a uma salutar reflexão sobre o significado da guerra e aí se inseriu uma questão pertinente: "neonazismo - perigo real ou imaginário?"

Nesse tipo de debate, as referências históricas proliferam. Os amadores de paralelismos históricos insistem na volta da grande ameaça; os chavões de múltiplo uso são práticos mas, em história, os simples fatos desmentem a tese do *remeke*, como lembram os autores do artigo "História. Ela Vai se Repetir?" (1).

A história não se repete, continua! Justamente por isso é preciso estudá-la, interpretá-la e reinterpretá-la sempre que o presente coloque novas indagações sobre algum momento específico do passado.

As incertezas do momento e as perturbações provocadas por movimentos radicais e guerras com violações extremadas dos direitos humanos oferecem uma oportunidade para se revisitar o nazismo, momento especial da história da humanidade pelo nível de violência e atrocidades cometidas em nome de um ideal.

As análises sobre esse fenômeno, produzidas a partir dos anos 50, tenderam a integrá-lo no conjunto de fascismos ou totalitarismos: construíram conceitos genéricos e grandes sínteses teóricas para explicar experiências consideradas da mesma natureza. A tendência historiográfica atual caminha noutra direção, destacando as especificidades. Desconfiando das certezas das interpretações generalizantes que definiam o(s) fascismo(s) como produto da chamada "crise do capitalismo monopolista" e "crise do Estado liberal" decorrentes da conjuntura europeia do entre-guerras, os historiadores atuais preferem debruçar-se sobre as especificidades que permitem uma compreensão mais aprofundada de cada fenômeno.

Opotei por uma discussão sobre o nazismo por considerar que essa experiência

ainda constitui um desafio à compreensão do historiador.

Quando analisamos a profunda crise da Alemanha no pós-Primeira Guerra Mundial, tendemos a elegê-la como fator primordial de explicação para o advento do nazismo. Mas a depressão atingiu a Europa toda; em muitos países surgiram líderes fascistas e as ideologias de direita proliferaram por toda parte, mas em nenhum país foi elaborado e implementado um projeto como o de Hitler.

A lembrança dos horrores praticados pelo regime hitlerista nos faz vir à mente a pergunta, nunca respondida satisfatoriamente: por que um povo culto e pessoas sensatas apoiaram um plano paranóico de destruição, com requintes, sem precedentes?

Há uma conjugação de fatores históricos que explicam o advento do nazismo. Eles nunca mais se repetirão de forma a permitir a reprodução dessa história, mas a potencialidade de sermos apreendidos por mensagens daquele tipo e de identificação com um ideal exaltado persiste. Os micronazismos estão entre nós e esta constatação por si só justifica a evocação da frase de Brecht: "E agora que vocês viram no que a coisa deu, jamais esqueçam como foi que tudo começou". É com este propósito que me disponho a revisitar o nazismo, recuperando as imagens de violência e guerra aí produzidas.

Não se pode negar que a Primeira Guerra Mundial ajudou a produzir o nazismo, bem como os demais regimes definidos como fascistas ou totalitários desse período: eles nasceram de um mesmo solo - a guerra - e são filhos da mesma história, mas esse chão comum não ajuda a compreender a sua originalidade, como sugeriu François Furet, em sua análise sobre o comunismo no século XX (2).

Se o nazismo foi um produto da guerra (mas não só dela, como pretendo mostrar) foi também produtor de outra guerra, gestada nos primórdios do movimento hitlerista.

A memória dessa outra guerra, construída pelos vitoriosos de 1945, reduz o episódio, como sempre fazem os grupos vitoriosos, a uma luta do bem contra o mal; esta polarização simplista não contribui em nada para a compreensão de um fenômeno tão complexo como o nazismo.

Nesse regime, que contou com o apoio ativo da maioria da população, foram violadas as regras básicas da convivência social e

1 Eric Cónan et Jean-Marc Gonin, "História. Ela Vai se Repetir?", in *Jornal da Tarde* (trad. Revista L'Express), 27/3/93.

2 François Furet, "O Passado de uma Ilusão", in *Folha de S. Paulo*, caderno "Mais", 16/4/95.



**OS PILARES DA  
SOCIEDADE, ÓLEO S/  
TELA DE GEORGE  
GROSZ, 1926**

invertidos os valores estabelecidos e reconhecidos como uma espécie de bem comum da humanidade. Renato Mezan refere-se a um mundo de ponta cabeça, posto às avessas. Nele, fantasias psicóticas foram postas em prática, o “bem” tornou-se o “mal” e os valores positivos foram considerados negativos.

O nazismo apresentou um projeto de embelezamento do mundo através da erradicação do feio, sujo, maléfico, impuro. Beleza, pureza e harmonia representam ideais da nossa cultura, mas em nome deles se impôs a estetização do ódio,

da violência, da destruição e da morte (3).

As análises de cunho psicanalítico procuram explicar porque as pessoas “normais” entraram numa relação de amor com um chefe psicopata. Wilhelm Reich procurou responder, com recurso à psicologia coletiva das massas, por que houve apoio tão grande a um sistema patológico.

A interpretação histórica vai noutra direção. O historiador de hoje reconhece a importância das contribuições da psicanálise e se vale delas, mas o seu caminho é o da reconstrução histórica. Nessa perspectiva,

3 Renato Mezan, palestra sobre o documentário *Arquitetura da Destruição*, Museu Lasar Segall, 14/3/95.

procurarei desvendar o significado das imagens, símbolos e mitos que esclarecem a relação do nazismo com a guerra.

A compreensão da lógica de dominação proposta pelo nazismo passa pela análise dos signos e da sua recepção. Dominique Pélassy fez uma viagem pelo universo simbólico nazi, explicitando o significado dos símbolos, gestos, ritos (traços, cores, ritmos, *slogans*) que desenham a paisagem alemã da época. Salienta a originalidade desse modelo por um olhar comparativo que permite mostrar as diferenças e destaca a importância da herança cultural alemã na explicação do fenômeno.

Hitler não é um ator solitário nessa história. Emite mensagens que só ganham sentido porque ecoam no público. O regime dialoga, permanentemente, com os seus parceiros: a cultura alemã e o indivíduo.

Na relação líder-massas, o signo se coloca como instrumento de mobilização. Por um jogo de identificações, ele encadeia os indivíduos ao herói, catalisa a violência e permite descarregá-la sobre os "bodes expiatórios" do momento. Umívoco na aparência, ostenta redes de identidade, que conciliam os contrários e materializam a comunidade alemã ligando o presente ao passado.

O signo, difundido pela propaganda, penetra em toda parte (cantinas, lojas, escolas, lares, lazer). Não se permite o refúgio ou isolamento na vida privada. A cena pública se impõe sobre todos (4).

Numa sociedade cheia de descontentamentos, o nazismo oferece um ideal revolucionário que tem por base a comunidade racial germânica. Num mundo incerto, ele busca certezas no passado. A revolução promete a criação do Homem Novo - ariano - contra seus corruptores: judeus e outros.

A pulsão de morte está no cerne das representações nazistas: na roupa preta da SS, na caveira desenhada nos quepes dos militantes, no lema das SA ("tão distante do medo e tão próximo da morte, saudação a ti, SA"), em inscrição no frontão de uma casa da juventude hitlerista ("nascemos para morrer pela Alemanha").

O nazismo formou uma geração voltada para a morte. A violência, a luta, o sangue, a guerra são elementos constitutivos do imaginário social alimentado pela propaganda. Mas os imaginários sociais, como diz Bronislaw Bazsco, só proliferam onde encontram chão

propício. Esse chão se mostrou extremamente fértil na conjuntura do entre-guerras, mas foi preparado ao longo da história alemã, fazendo parte da sua cultura.

Muito se insiste no fato de que o nazismo foi produto da derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial: o Tratado de Versalhes estaria no coração do nazismo. Hitler, de fato, soube explorar bem os sentimentos de humilhação, impotência, insegurança do pós-guerra. Conquistou as massas e o poder porque foi sensível aos anseios do povo. Propôs, nesse momento de crise aguda, um projeto de domínio do mundo pela raça ariana.

Por um mecanismo de compensação de recalques, o projeto veio a calhar nesse momento de agudas frustrações, mas só ganhou adeptos porque a idéia de superioridade do povo germânico fazia parte da tradição cultural alemã: uma cultura nacionalista e racista, construída ao longo de séculos. Os nazistas souberam valer-se dela no momento adequado.

Hitler era o líder que os alemães esperavam. Joseph Goebbels, em 4/7/1924 escreveu em seu diário: "a Alemanha anseia pelo homem, assim como a terra sob o sol anseia por chuva... senhor, mostre um milagre ao povo alemão! Um milagre! Um homem!"

O milagre alemão é fruto da história alemã. O projeto de conquista do mundo foi escrito a partir dessa história e conseguiu sucesso por ter sido plantado no solo fertilíssimo da sociedade alemã do entre-guerras.

## A RECUPERAÇÃO DO PASSADO

O nazismo consagrou um estilo político que foi se configurando ao longo do séc. XIX para expressar a unidade do coletivo através de mitos e símbolos da nação. No início desse século, desenvolveu-se uma liturgia que permitia a participação do povo em cada culto e por esse caminho se deu a transformação da "multidão caótica" em movimento de massa organizado.

O "novo estilo político", segundo George Moose, surgiu conectado com o nacionalismo, com o movimento e política de massas do início do séc. XIX, que se opuseram à cultura liberal, democrática, de representação parlamentar. O autor acompanha o seu desenvolvimento na Alemanha, des-

4 Dominique Pélassy, *Le Signe Nazi*, Paris, Fayard, 1983.

de o período que antecede a Unificação.

O nacionalismo firmou-se baseado na Volk, vista como uma entidade unida sustentada por mitos e símbolos históricos; através dos mitos que já indicavam a superioridade da raça germânica, buscava-se criar a totalidade do mundo e restaurar um sentido de comunidade na fragmentada nação. Os mitos tornaram-se operacionais através do uso de símbolos visíveis que estimulavam a participação popular nos espetáculos públicos (comemorações patrióticas, festivais).

O impulso através dos símbolos típicos do romantismo alemão, juntamente com os mitos populares davam ao povo o sentido de sua identidade.

Essenciais no cristianismo, os símbolos tomaram forma secularizada no culto nacional germânico. Dentre os vários tipos de liturgia, destacavam-se os jogos violentos e a ginástica, pilares dos festivais públicos.

O envolvimento direto com as massas fez com que a política se tornasse um drama orientado por um ideal predeterminado de beleza: "atos de devoção devem acontecer num belo contexto".

O culto nacional, distante dos sistemas lógicos, racionais, se baseou numa estrutura teológica onde os ritos e liturgias são centrais e parte integrante da política. O nacionalismo constituiu-se como movimento de massa, orientado por fervorosa crença que se tornou a força maior do movimento (5).

Esse estilo político, gestado no início do séc. XIX, atingiu seu clímax no nazismo que conquistou popularidade porque se valeu de uma tradição consagrada. O nacional-socialismo aperfeiçoou esse estilo, valendo-se das técnicas sofisticadas de comunicação de massas da época.

O nazismo valeu-se, também, de um outro traço importante da cultura alemã. Ao longo da história da Alemanha, foram se desenvolvendo inúmeras associações. Lionel Richard refere-se a essa tendência à organização e vivência em grupo já relatada por viajantes no séc. XIX que se referiam ao "instinto" gregário do povo alemão.

Os movimentos de juventude nazista foram herdeiros de movimentos congêneres do séc. XIX que se caracterizavam pelo naturismo. Pregando retorno à natureza, às forças primitivas, os jovens propunham banir os botões, chapéus e gravatas. Com sacolas nas costas, camisas abertas e botinas, se

embrenhavam pelas florestas, dormindo ao ar livre, reunindo-se, à noite, em volta de uma fogueira, entoando cânticos ao som de bandolins e violões.

O tradicional movimento dos "pássaros migradores" (criado por Karl Fisher em 1897) se destacou pelo protesto contra a autoridade dos adultos, contra os males da industrialização, contra o cigarro, contra o álcool. A regra básica era emancipar-se de tudo: escola, pais, hábitos urbanos. A integração dos jovens nesse tipo de movimento se explica no contexto de uma sociedade repressora onde a disciplina e o autoritarismo do lar se completavam na escola.

A escola imperial tinha um sistema opressivo bem ilustrado pelas caricaturas que retratam o professor no papel de algoz. Seus instrumentos de trabalho eram a vareta e o bastão. Em 1921, um professor apresentou ao público o balanço de sua carreira através de números que atestavam sua severidade. Em trinta anos de profissão administrou aos seus alunos 911.500 bengaladas, 130.000 reguadas na palma da mão, 10.200 socos na orelha, 223.700 bofetadas e concluiu, com satisfação: "É assim que se forma a juventude".

A reforma de ensino proposta pela República de Weimar não conseguiu alterar a situação. Além de contar com a reação dos conservadores, religiosos, sobretudo, a grave crise econômica impediu a realização de mudanças significativas.

O movimento de jovens, que se iniciara com propósitos de protesto contra a educação opressora, acabou se integrando na concepção autoritária predominante na sociedade. Além dos agrupamentos políticos ou religiosos, as organizações de jovens eram inúmeras e foram presas fáceis do Nacional Socialismo porque da contestação à opressão passou-se à exaltação da camaradagem viril e culto ao chefe, guia incontestável. Os nazistas recolheram, em proveito próprio, esses impulsos dos jovens para a natureza, comunidade e culto ao chefe.

Pouco a pouco, as organizações nazistas mais dinâmicas atraíram para si os diversos movimentos de extrema direita como o dos "Lobisomens" e o dos "Capacetes de Aço". Uma parcela significativa da juventude também se incorporou ao nazismo.

Os movimentos associativos proliferaram nesse ínterim. Em 1927 havia cerca de 40.000 associações de diferentes tipos. Na Alemanha

5 George L. Moose, *The Nationalization of the Masses. Political Symbolism and Mass Movements in Germany from the Napoleon War Through the Third Reich*, New York, Howard Fertig, 1975.

da época, escapar a um grupo, organização, partido, era excepcional. Muitos desses grupos tinham caráter paramilitar. Em 1918, os soldados desmobilizados formaram corpos de voluntários. Essas associações secretas paramilitares, com fachada de movimentos patrióticos de ex-combatentes, praticavam atos de terrorismo e se preparavam para uma futura guerra de revanche. Elas se destacavam pela agressividade. Seus integrantes, em grande número, faziam treinamento intensivo de ginástica e praticavam ações violentas (6).

O Partido Nacional Socialista, organizado de acordo com o modelo militar, tinha uma seção de esporte e ginástica que preparava um corpo de elite. O grupo de assalto - SA - desempenhou um papel ofensivo de extrema violência na sociedade: invadia os teatros, cinemas, cabarés, espancando as pessoas.

Os militantes nazistas não eram numericamente significativos na República de Weimar mas se impuseram pela agressividade intimidadora. Não aceitavam o dito "olho por olho, dente por dente" e afirmavam "a quem nos tira um olho, arrancamos a cabeça".

A violência também pode ser identificada como um traço da cultura nazista. A época de Bismarck se caracterizou por uma política de unidade nacional feita pelo alto a "ferro e sangue". Valores como autoridade, hierarquia, orgulho da raça, culto ao exército, espírito de sacrifício, chauvinismo, se firmaram nesse momento.

A partir de 1870, desenvolveu-se o sonho de uma Alemanha forte, submetendo ao seu jugo povos "inferiores" como os eslavos.

Guilherme II decantou os altos valores da cultura alemã e a superioridade da raça. Na Primeira Guerra Mundial os jovens apoiaram sua política belicista e se prontificaram a morrer pela pátria.

A educação e os movimentos de jovens do século XIX exaltaram o vigor físico, a saúde e a formação moral que exigia fidelidade, obediência, patriotismo e autodisciplina. Esse programa era seguido nas escolas. Em 1842, foi introduzida a ginástica nas escolas secundárias e, em 1862, nas primárias.

A imensa literatura de guerra pregava o heroísmo. Além disso estimulavam as ações violentas. Em 1914, os professores receberam instruções para fazer com que os alunos se interessassem pela guerra. Essa educação patriótica, de caráter militarista, explica a formação dos batalhões de estudantes vo-

luntários na Primeira Guerra Mundial. O ataque dos jovens despreparados fracassou, mas criou-se a imagem de uma juventude corajosa, obediente às ordens e dedicada à pátria, sacrificando por ela a própria vida.

Em 1922, o Partido Nacional Socialista criou o movimento juvenil para reunir seguidores que ainda não tivessem completado a idade para integrar-se nas fileiras da SA. Em 1926 recebeu o nome de *Hitler Jugend* (Juventude Hitlerista). A partir de 1936 a incorporação dos jovens entre dez e dezoito anos ao movimento passou a ser obrigatória.

A formação dos jovens se direcionava para o estímulo à luta e sacrifício da própria vida pela pátria e ideal nazista. A organização da Juventude Hitlerista buscava inspiração no pedagogo Jahr, fundador das "sociedades de ginástica" após a derrota da Prússia em Iena e a entrada de Napoleão na Alemanha. A constituição dessas associações patrióticas se destinava ao enfrentamento do invasor.

Jahr ensinava educação física com vistas à preparação militar. O ideal de constituição de uma raça vigorosa e pura orientava o seu trabalho. Após 1815, tornou-se arauto do germanismo e anti-semitismo. Pregou o racismo, pela seleção de uma raça vigorosa e pura, culto do corpo e virilidade; opôs-se ao uso de línguas estrangeiras e seu ensino nas escolas; lutou contra o liberalismo e idéias republicanas.

Em 1817, jovens estudantes que haviam incorporado esse ideário promoveram, em frente ao castelo de Warterburgue, próximo a Iena, uma queima de papéis simbolizando obras de escritores adversários. Posteriormente, os jovens nazistas participaram da queima de obras "degeneradas".

O regime nazista reverenciou Jahr e a Juventude Hitlerista o elegeu seu patrono.

A pedagogia nazista preparava os jovens para a morte. O juramento feito nos rituais de passagem selava o compromisso de sacrificar a vida pela causa. Com o início da guerra, os esforços educacionais se voltaram para a formação do futuro soldado. Nas escolas eram realizados trabalhos práticos em contato com a natureza; estudava-se a química dos explosivos, a geografia aplicada à estratégia de combate e exercícios de orientação no terreno; a história focalizava os feitos de arma e os heróis guerreiros. Fazia parte do material de escola, livros sobre Esparta ou estórias de

6 Lionel Richard, *A República de Weimar* (cap. "Associações para Todos"), São Paulo, Companhia das Letras, 1988.





homens nórdicos em combate. Os manuais escolares exaltavam a vitória pelo sacrifício.

## A REPÚBLICA DE WEIMAR E A "PREPARAÇÃO PARA A MORTE"

A Primeira Guerra Mundial e o Tratado de Versalhes representam o ponto de partida da política de Hitler. Reavivando traços da cultura alemã, num contexto altamente favorável à pregação nacionalista, o nazismo se fortaleceu tirando proveito da situação do pós-guerra.

O impacto da Primeira Guerra Mundial fez surgir, na Europa, novas ondas de críticas aos valores das Luzes, descrença na dominação racional do mundo e virtudes civilizadoras da ciência. A reabilitação da violência e valorização dos instintos, já presente no pensamento de autores do século XIX, foi reavivada no cenário do pós-guerra. A vitória do bolchevismo produziu novos medos e provocou a transformação de movimentos de crítica ao capitalismo em movimentos contrarrevolucionários. Ao anticapitalismo se acrescenta o antimarxismo na composição das doutrinas fascistas.

Na situação de crise provocada pela guerra e pelo temor da revolução comunista, setores das elites tradicionais e da classe média passaram a ver a política fascista como alternativa para os problemas da sociedade (7).

Nesse contexto, a situação da Alemanha é particular. A Conferência de Paz realizada em Paris, em 1919, produziu um documento, que os alemães denominaram *diktat*, onde os vitoriosos exigiam, além da entrega de territórios coloniais e regiões alemãs (dentre elas a Alsácia e a Lorena, conquistadas dos franceses em 1871), a desmilitarização do país, além da fixação de pesadas somas em dinheiro e matéria-prima a título de reparação de guerra.

A modificação de fronteiras, a carga financeira das reparações, a situação de miséria decorrente da crise econômica, o desemprego, que em 1932 atingiu 44% da população, a inflação galopante explicam, perfeitamente, o clima de angústia, medo, insegurança e revolta contra o adversário vencedor da guerra.

Nesses anos cruéis da República de Weimar, Berlim tornou-se a cidade símbolo da cultura e da miséria. Por um lado, a situação de crise estimulou uma produção artística muito significativa, por outro, fez prolifera-

rar a miséria mais violenta: conta-se que, nessa época, um quilo de pão valia milhões de marcos e um jovem, um maço de cigarros.

Essa situação favoreceu os radicalismos e a luta social entre movimentos de esquerda e direita, provocando um quadro de violências que a República de Weimar se mostrou incapaz de controlar.

Nessa luta, todas as armas foram usadas: a batalha com armas de fogo se complementa com a batalha de símbolos e até mesmo as artes se envolveram nessa guerra. A arte sem compromisso social tornou-se praticamente impossível. Da arte crítica dos expressionistas à arte engajada da esquerda militante, todos se manifestaram perante a crise.

Segundo o artista Georg Grosz, a arte que não servisse de arma na luta política perdia, para ele, qualquer sentido naquele momento. Sua pintura *Os Esteios da Sociedade* revela um painel crítico da política: imprensa, justiça, forças armadas, igreja constituem elementos pictóricos de sua denúncia à República de Weimar. A figura do "homem de cabeça oca", presente em vários quadros, se presta tanto à representação do professor de ginástica dando urras, como do adepto do nacional-socialismo. Em outras obras, retrata o caos e o crime que imperam nas ruas das cidades. Os múltiplos efeitos da guerra são expressos por seu traço caricatural, de forte conteúdo crítico.

O expressionista Otto Dix traduz, na pintura, sua experiência de combatente da Primeira Guerra Mundial. Além da visão trágica do conflito, sua obra retrata a devastação, miséria e corrupção que assolam a Alemanha. Através das imagens de prostitutas, mendigos, operários, militares, burgueses, exprime a presença da violência e da morte rondando a sociedade.

A psicose de guerra, que se espalhou pela Europa a partir de 1914, atingiu o ápice na Alemanha derrotada. As lembranças do conflito provocavam horror e a derrota estimulava desejos de desforra. Na frágil República de Weimar, o nazismo se fortaleceu, acenando com um projeto de libertação do passado e purificação.

A cultura nazista se organizou com vistas à "preparação para a morte, redentora". À exaltação da violência e extermínio dos fracos se juntava a ênfase na necessidade de aprender a matar. Em 1929, Hitler declarou: "Quem não tem força para fincar sua arma

7 Pierre Milza, *Les Fascismes*, Paris, Imprimerie Nationale, 1985.

no coração do adversário não merece conduzir um povo no combate por seu destino". A única lei a orientar o percurso era a da força, luta sangrenta e morte (8).

A lenda criada em torno do *putsch* de 1923 conta a história do porta-estandarte mortalmente ferido, cujo sangue glorioso se espalha pelo estandarte, miraculosamente conservado. Essa relíquia era usada no batismo de novatos da SA ou SS. A morte simbolizava sacrifício à glória da nova humanidade.

O ariano, esse ser mítico, inventado ou reinventado pelos nazistas, representava a afirmação da superioridade pela prática da violência. Os seres inferiores precisavam ser exterminados porque traziam em si o germe da decadência cultural. A nova civilização se imporia pela morte.

Albert Speer, o arquiteto do Reich, em seu livro de memórias, comparou Hitler ao rei Midas: "Tudo o que ele tocava se transformava em corrupção e morte".

Mas a violência nazista não se reduz a essa imagem perversa de Hitler. Muitos indivíduos cultivados, como o próprio Speer, colaboraram na "produção da morte"; isso leva a concluir que a aquisição da cultura não afasta da consciência humana a tentação de barbárie. Como disse George Steiner: "Depois do nazismo não podemos mais ser inocentes a respeito da literatura, linguagem, educação porque não ignoramos que se pode ler Goethe, Rilke, ouvir Bach, Schubert e no dia seguinte construir campos de concentração".

Esta reflexão é válida também para a atuação dos médicos alemães (50% deles pertenceu ao Partido Nazista) frente ao programa de eutanásia. O juramento de Hipócrates se anulava perante o juramento de obediência às ordens do *Fuhrer*.

## A GUERRA CONTRA AS "VIDAS QUE NÃO MERECEM SER VIVIDAS"

Durante a República de Weimar, Hitler arquitetou o projeto de conquista do mundo pelos arianos. A guerra já fazia parte de seus cálculos antes da ascensão ao poder. O Reich, que sob preponderância dos alemães deveria realizar a escravização do restante da terra, só poderia operar por meio da violência e terror.

Para Hitler, a verdadeira decisão da vitória final dos superiores sobre os inferiores,

dos fortes sobre os fracos, não se daria sem derramamento de sangue. Os acordos não eram para se levar a sério porque não custavam sangue.

O símbolo da águia sobre o globo terrestre, contruído em 1939, representa o projeto nazista de domínio do mundo. A águia, animal sagaz, que, do alto paira sobre tudo e todos, simboliza a superioridade alemã sobre o mundo.

A guerra, na representação nazista, significa um banho de sangue purificador.

Estas e outras imagens, como a da cruz gamada (que sugere a idéia de movimento, ação) ou da SS (que representa a serpente furtiva, rápida, com capacidade de dissimulação, para melhor realizar a destruição do inimigo), foram mobilizadas intensamente pela propaganda que visava conquistar as consciências e "prepará-las para a guerra e a morte".

Chegando ao poder, Hitler proclamou uma luta impiedosa contra os inimigos e inferiores. A depuração envolveu judeus, comunistas, pacifistas, liberais, adversários que manifestavam suas idéias através da imprensa, da universidade, da literatura, do teatro, do cinema e das artes plásticas.

Em 1939, programou, com a colaboração de médicos do Partido, o assassinato burocraticamente organizado dos seres considerados inferiores. O programa de eutanásia propunha a "destruição das vidas que não valiam a pena ser vividas". Valendo-se de números que calculavam o custo para a sociedade da manutenção de velhos, doentes incuráveis, deficientes físicos e mentais, o programa propunha a eliminação desses seres em nome da pureza da raça.

O processo de extermínio de judeus, eslavos, ciganos, comunistas, homossexuais, etc., nos campos de concentração, foi muito divulgado após o término da guerra. Mas o programa de eutanásia é pouco conhecido e discutido, tanto na Alemanha, como no resto do mundo.

O psiquiatra alemão Michael Von Cranach apresentou um texto muito impressionante sobre o tema (9). Valendo-se de obras já publicadas sobre o assunto e dados coletados na Instituição onde exerce suas atividades (Hospital Regional de Kaufbeuren), o autor expõe os procedimentos do plano de eutanásia nos seus diferentes momentos.

Em função das pressões internas e inter-

8 Lionel Richard, *Le Nazisme et la Culture*, Bruxelles, Editions Complexe, 1988.

9 Michael von Cranach, *The liquidation of mental patients in Kaufbeuren-Issee between 1939 and 1945*, Goteborg, "paper" apresentado no Encontro da Swedish Psychiatric Association, 1990.

nacionais, o programa foi modificado, em 1941, passando do assassinato por incineração para o plano de morte por desnutrição, que consistia na diminuição e empobrecimento da dieta alimentar.

Na primeira fase foram mortos, aproximadamente, 60 mil pacientes. Ao completar 10 mil incinerações, houve celebração. Até hoje, parentes das vítimas se perguntam o que ocorreu com seus familiares que desapareceram dos hospitais sem conhecimento da família. Algumas cartas mencionadas pelo autor relatam o desespero dos pais cujos filhos desapareceram da instituição onde estavam internados, a pretexto da necessidade de transferência de hospital; nunca mais se soube do paradeiro dessas pessoas.

O autor relata, também, o testemunho de padres, enfermeiras e funcionários dos hospitais, que ajuda a reconstituir os procedimentos do crime: os pacientes eram, em geral, retirados no meio da noite do hospital, conduzidos a um pátio interno e transportados por um veículo para local ignorado.

Findo o programa de eutanásia por incineração, iniciou-se o período da chamada "eutanásia selvagem". Em novembro de 1942, diretores de hospitais da Baviera receberam mensagem secreta comunicando um encontro a ser realizado no Ministério do Interior, Departamento de Saúde, em Munique, declarado como segredo de Estado. O programa de eutanásia por desnutrição, que daí resultou, consistia na administração de uma dieta magra que levava os pacientes à morte em três meses. O autor descreve a prolongada agonia dos pacientes submetidos à "dieta E".

Após impressionante descrição do cotidiano dessas práticas, o autor conclui com a pergunta: como se explica que pessoas inteligentes, talentosas e descritas como médicos devotados, puderam fazer semelhante coisa? Manifesta, também, sua perplexidade diante do silêncio das gerações de psiquiatras do pós-guerra sobre esses crimes. Recorre a Hannah Arendt para concluir que o sistema totalitário isentava as pessoas de responsabilidade moral sobre seus atos; quanto à omissão dos psiquiatras sobre esse passado, acredita que isso se deve à persistência de aspectos totalitários nas instituições psiquiátricas.

As denúncias do médico alemão revelam os requintes de violência e crueldade de um plano racionalmente arquitetado para exterminar as "vidas que não valiam a pena

ser vividas". Esse plano fazia parte do projeto de "preparação para a morte" do nazismo.

A escalada de violência começou na República de Weimar, que se mostrou impotente para controlá-la. O poder judiciário que, nas sociedades modernas, tem a função de controlar a violência, só é eficaz quando associado a um poder político forte.

O regime nazista constituiu um poder forte que deixou de lado o sistema judiciário, recorrendo a práticas sacrificiais.

Para entender a política de extermínios do nazismo, reporto-me a interpretações sobre as práticas sacrificiais das sociedades religiosas, onde a imolação de certas vítimas escolhidas para satisfazer o apetite da violência da sociedade servia de alimento para todos.

A violência interna, oriunda de rivalidades de vários tipos, leva à prática de sacrifícios com a pretensão de eliminar os conflitos, restaurando a harmonia da comunidade e reforçando a unidade social.

O sacrifício dos "impuros" na Alemanha de Hitler visava unir os corações arianos, estabelecendo a ordem.

Por um processo de transferência coletiva, as vítimas carregam as tensões internas, rancores, rivalidades. Polariza-se sobre elas os germes da dissensão. Num clima de tranquilidade e segurança o sangue não aparece. Ele se torna visível com o desencadeamento da violência, como ocorreu a partir da República de Weimar. O cântico dos militantes expressa bem o nível de violência: "Afiar vossas longas facas na calçada! Temperai-as na gordura dos corpos judeus! O sangue deve correr em espessos jorros ..." (10).

O sangue que jorra descontrolado é considerado impuro; ele contamina. Mas o sacrifício das vítimas, os inimigos da raça ariana, representava, para os nazistas, a purificação da sociedade. O regime organiza o programa de extermínio para "salvar a raça ariana".

O nazismo canalizou a violência descontrolada para as vítimas imoladas. A convergência de ódios, rancores, divergências, frustrações para os "bodes expiatórios" significava uma tentativa de apaziguamento da sociedade. Com o sangue das vítimas, o regime pretendia libertar a sociedade da autodestruição. Princípio de desordem, a violência foi justificada como fator de ordem (11).

O extermínio de milhares de seres não era alardeado pela propaganda, ao contrá-

10 Lionel Richard, op. cit., p. 153.

11 René Girard, *La Violence et le Sacré*, Paris, Editions Grasset, 1972.

rio, procurava-se ocultar essa face violenta do regime. Já em torno da guerra, muita propaganda foi feita no sentido de mobilizar a população para ela.

## A GUERRA COMO ESPETÁCULO

A guerra planejada por Hitler, desde a criação do movimento nazista, foi decantada pelos meios de comunicação, nas obras literárias, nos discursos políticos, nas escolas. Goebbels promoveu a realização de vários filmes que idealizaram o conflito. Eles mostravam a Alemanha se defendendo das potências demoníacas que a atacavam; a posição agressiva aparecia como defensiva.

No cinema, a Alemanha não perdeu nenhuma batalha. As mortes e perdas materiais só aconteciam do lado do inimigo. No *front* alemão, aparecem os soldados corajosos e a camaradagem militar.

Em algumas películas, a guerra se torna uma festa: em *Stukas* (Karl Ritter, 1941), ela é representada em forma de opereta; a proeza técnica dos pilotos, o ruído das esquadilhas e o som da explosão de bombas se alternam com refrões wagnerianos.

A agressão alemã contra a URSS se apresentava como conquista legítima do "espaço vital", caro à velha teoria pangermanista do início do século; alguns filmes mostravam a subjugação do mundo eslavo "subumano", degenerado, em proveito da "super-humanidade" germânica e a luta para a liquidação do comunismo.

Após a euforia das primeiras vitórias, os alemães perderam, no final de 1942, a iniciativa das operações, e se colocaram na defensiva. Diante das derrotas, a propaganda cessou de prometer vitória certa, deslocando as atenções para a denúncia da barbárie comunista. Karl Ritter, em *Guepeau* (1942), denunciou atos terroristas dos serviços secretos soviéticos; seus agentes eram personagens sanguinários, de tipo mongol, cabeça raspada, ávidos de sangue.

Em fevereiro de 1943, diante de uma grande manifestação no Palácio dos Esportes em Berlim, Goebbels conclamou o povo a uma guerra total e a resistir até a morte (12).

Enquanto as cidades eram destruídas, a população assistia a filmes de amenidades. No final de 1944, quando a derrota já era evidente, Goebbels encomendou um filme no qual se empenhou particularmente. Tratava-se de um drama histórico sobre a heróica

resistência dos alemães, numericamente inferiores, frente aos exércitos de Napoleão. Ficou tão entusiasmado com o espetáculo, que desviou 200.000 soldados da linha de frente para atuarem como figurantes. Considerava mais importante que atuassem no filme do que na guerra, já praticamente perdida.

A Alemanha foi derrotada completamente na primavera de 1945. O Reich milenar de Hitler, cujo estilo arquitetural monumental deveria assegurar a perenidade do seu poderio, tornou-se um campo de ruínas. O suicídio do *Fuher* significou um final coerente com o seu projeto.

O plano arquitetônico de Berlim, que deveria ser concluído em 1950, fazia parte do plano onipotente de conquista do mundo, para seu embelezamento e harmonia. Sem conflito sangrento ele seria inviável. A vitória representaria a vitória dos arianos e seu domínio no mundo. Mas a história caminhou noutra direção e a própria guerra se encarregou de destruir os sonhos de Hitler.

O projeto hitleriano pressupunha destruição dos inferiores, mas acabaram sendo destruídos aqueles que deveriam ser os vencedores. Pela lógica do delírio nazista, quem supera é vencedor: ele é o mais forte, o melhor, o superior. A derrota não tem lugar nessa visão triunfalista.

Hitler confessou a Speer:

"Se perdermos a guerra, também o povo estará perdido. Não é preciso se preocupar com as bases materiais necessárias à sobrevivência mais primitiva. Pelo contrário, é melhor destruir as coisas pois o povo alemão se mostrou o mais fraco e o futuro pertence exclusivamente ao povo oriental, o mais forte. De qualquer modo, o que resta depois desta luta são os inferiores: os bons tombarão!"

Aqui, comenta Elias Canetti (13), a vitória é expressamente declarada a instância suprema. A derrota transforma o povo superior em inferior. Se, nessa luta, os "bons tombarão", os que restaram, inclusive Hitler, são inferiores. Já que o povo, impelido por Hitler para a guerra, se mostrou o mais fraco, também o que dele restará não deve sobreviver, a começar pelo líder.

No ato de sua autodestruição, Hitler se identifica com a massa dos que mandara exterminar como inferiores. Um ato coerente com o seu projeto destruidor.

12 Adelin Guyot et Patrick Restellini. *L'art nazi*, Bruxelles, Editions Complexe, 1987.

13 Elias Canetti, "Hitler, por Speer", in *A Consciência das Palavras*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990.